

humanitas

Vol. XXIŽJ J ;;

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA
MCMLXIX-LXX



ANTONIO RODRIGUEZ-MOÑINO, *La Silva de Romances de Barcelona, 1561*. Contribución al Estudio Bibliográfico del Romancero Español en el Siglo XVI. Salamanca, «Acta Salmanticensia Iussu Universitatis Edita», *Filosofía y Letras* 56. Universidad de Salamanca, 1969. 611 pp.

Um livro como aquele cuja ficha bibliográfica encima estas linhas é de difícil apreciação, porque o efeito que produz em quem o lê é de deslumbramento; dir-se-ia mesmo que é de um sentimento complexo de admiração mesclada de respeito e de veneração. Obra de um fino erudito, de uma vida inteira em volta de livros antigos, respeitados cientificamente na sua própria materialidade e respeitados também cientificamente na semântica dos seus dizeres.

Só um «príncipe de bibliógrafos», como alguém já chamou a A. R.-M. com toda a justiça, poderia ter levado a cabo uma obra de bibliofilia e de bibliografia tão importante como esta tese de doutoramento na velha Universidade de Salamanca. E acrescenta-se que se trata de uma tarefa realizada com um esmero de rigor científico poucas vezes alcançado em trabalhos deste tipo e que preencheu uma vida num afã de busca de exemplares raros por toda a Europa e América, que tanto nos faz lembrar a ânsia de mais de um humanista quatrocentista e quinhentista em busca de tesouros das letras conservados nas ricas bibliotecas conventuais e senhoriais.

O material por ele estudado foi o «pliego suelto», o «folheto de cordel», a «folha volante». Toda uma literatura de folhetos e de livros de pequeno formato, esses livros de «fraldiqueira» que viajavam nas sacas dos mercadores e dos soldados dos exércitos imperiais de Carlos V e Filipe II, cuja importância Moñino nunca se cansou de salientar em vida. A 20 de Outubro de 1968, num discurso lido na Real Academia Española e editado em Madrid nesse ano ainda, declarava ele: «Estamos viviendo de lo poco que pudo acumular la fiebre erudita del siglo XIX y de lo muy escaso que la investigación contemporánea edita de vez en cuando». Pois foi desse pouco do muito que circulou que o A. escolheu um exemplar da biblioteca pessoal (p. 173, n. 8) para criar este monumento de investigação sobre coisas espanholas.

Mas o âmbito é propriamente ibérico, pois não se pode negar que no séc. XVI existe um centro cultural na Península em volta do qual giram todos os outros, inclusivamente o português. Aqui os assuntos castelhanos tinham, como é fácil de compreender, uma repercussão intensa, evidente, parece, nas edições que se fizeram em território lusitano, como a que ao A. se afigura anterior a 1550, de Lisboa, «Coplas sobre el acaescido en la sierra bermeja y los lugares perdidos», ou a de 1633, já mais tardia, mas também lisboeta, «Tragedia verdadera e lastimosa na qual se relata a vida prisão e morte de Don Alvaro de Luna» (que o editor teve a desfaçatez de atribuir a Lope de Vega), na sequência de um outro romance sobre o mesmo assunto, mas em castelhano, aparecido em 1610 em Braga; e não nos esqueçamos de que em Évora, no ano de 1583, se publicara já o *Camino de la perfección* de Santa Teresa. E ainda seríamos levados a perguntar em que medida a ordenação das composições pelo assunto em colectâneas como o *Cancionero General* de 1511 (vid. p. 202) ou a *Silva de romances* de Saragoça, 1550 (p. 118), onde se destina a primeira parte às

«cosas de deuociõ y moralidad» ou aos textos «de deuociõ: y los de la sagrada escriptura», não interferiu na maneira como foram agrupadas as composições de uma edição como a *Compilaçam* vicentina de 1562.

Como já o havia definido um ano antes em Madrid, «Por *pliego suelto* se entiende, en general, un cuaderno de pocas hojas destinado a propagar textos literarios o históricos entre a gran masa lectora, principalmente popular» (p. 13). Toda uma literatura de circulação silenciosa, de que hoje as grandes bibliotecas muito poucos exemplares conservam, se olharmos à quantidade enorme dos que circularam, em parte porque os seus fundos se constituíram tardiamente e a partir das livrarias eruditas dos conventos ou casas reais, onde predominava o *in-folio* sério e volumoso. Mas a verdade é que muito mal imaginamos o que podia ser a «oferta» de leituras de que o público dispunha, se pensarmos que era ele, na generalidade, o consumidor dessas boas edições cuidadas. E ainda mais inexacto será o nosso juízo se prescindirmos destas folhas volantes para uma tentativa de reconstituição do gosto literário desse mesmo público. Um exemplo pode surgir da poesia ao longo deste século XVI, e não só dele; estes cancioneiros que agora Moñino estuda, quase todos de pequeno formato, portanto distintos do grande volume do nosso *Cancioneiro Geral* de G. de Resende (destinado a quem?), asseguram a permanência longa do gosto pela poesia tradicional, «en metro Castellano y en tono de Romances viejos, que es lo q̄ agora se vsa», como ainda se dizia em 1551 (p. 299), isto depois de Juan de Boscán e Garcilaso de la Vega. E o que poderíamos nós dizer do que em território lusitano terá acontecido, se nos lembrarmos de que só lá para finais do século se podem encontrar edições separadas de poetas italianizantes (1595: Miranda; 1598: Ferreira e Camões, etc.)? Muito a propósito escreveu José Manuel Blecua: «La aparición de las obras de Garcilaso en 1543 no dañó en absoluto la boga romanceril...», ao mesmo tempo que frisa a importância dos cancioneiros manuscritos, de cujo estudo se poderá vir a concluir claramente que os poetas petrarquistas não desprezaram o cultivo desta poesia.

E até no que diz respeito à própria cultura clássica nesses anos de Quinhentos, a leitura da tese de Moñino pode ainda levantar-nos perguntas como esta: em que medida o gosto do grande público se foi educando de forma que se tornasse mais permeável às modas de tendência classicista exactamente porque quase todos estes romanceiros incluem narrativas sobre assuntos da Antiguidade, mercê de uma tradição mantida pelas novelas de cavalaria do chamado «ciclo clássico e troiano» (*Crónica Troiana*, etc.)? E de novo nos vem à mente Gil Vicente...

Todo este vatfíssimo romanceiro espalhado em folhetos «de cordel» em quase oitocentos opúsculos ao longo deste século nos transporta, assim, para o campo mal definido em seus limites dos gostos e das modas literárias do público, ora inclinado para os assuntos graves, ora em busca da aventura fantasista ou não (cfr. os romances novos sobre Lepanto, que atestam a manutenção milenar da função da epopeia), ora detendo o espírito numa leitura «de devoção», ora deliciando-se com os jogos amorosos, quando não satíricos ou pornográficos, etc. Por isso os editores tentam variar os assuntos e as poesias, como declaradamente o confessa o da «*Silva de varios romances*» de 1550 (p. 377). Mas em praticamente todos os casos, são sempre volumes pequenos, de fácil manejo e transporte, quase sempre também providos de índices que facilitassem a consulta.

Como se vê, estamos frente a uma intensa vida editorial, que iremos encontrar mais definida no século seguinte, como tão bem o mostrou Henri-Jean Martin, in *Livre, Pouvoirs et Société à Paris au XVII^e siècle (1598-1701)*, nesse monumental «Essai d'inventaire» que é a I secção da II parte, onde não falta a referência às «folhas volantes» como veículos de poesias, notícias e até, em forma de panfletos, de problemas de matemática na vida agitada da capital francesa de Seiscentos.

Mas regressemos à obra de Moñino, escrita num estilo a que não falta verdadeira «dignitas», apesar do esquematismo de tantas das suas páginas. Ela põe-nos perante a fragilidade do que afirmamos saber sobre essas épocas que ainda não são muito remotas na história europeia; mas também nos aponta e nos sugere uma imensidade de pistas de investigação, ao mesmo tempo que sacode salutarmente muito do que nos vamos habituando a ver como solidificado pelo consenso geral: «Entiendo que la visión de conjunto está llena de altibajos y de fallas y que el estado actual de nuestros conocimientos no nos permite todavía deducir consecuencias que tengan valor científico...», escrevera ele em *Construcción crítica y realidad histórica en la poesía española de los siglos XVI y XVII*, de 1963.

No entanto, e isto é ainda mais um motivo da nossa admiração por este trabalho enorme, dificilmente se poderá aguardar que surja outro investigador desta envergadura, porque a tarefa a que meteu ombros exige um conjunto de factores raramente coincidentes: saber imenso, dedicação absoluta, sacrifícios inavaliáveis e uma fortuna pessoal que supra o que os subsídios oficiais não podem dar. Tudo é necessário para: «Catalogar, leer, estudiar, criticar: sin estos cuatro supuestos previos, la historia de la poesía castellana en la época de Carlos V y Filipe II seguirá siendo un conjunto de opiniones sin trabajo, una serie de construcciones aisladas sin caminos que las enlacen y pongan en contacto; las piezas sueltas de una poderosa máquina a las que falta el acoplamiento y la energía que las convierta en motor dinámico», afirmara ele no já referido discurso de 1968. Quando teremos nós algo de parecido em Portugal?

Se houvesse necessidade de apontar um pequeno lapso nesta edição, só um nos ocorreria, meramente tipográfico: na passagem da p. 210 para a seguinte deve ter desaparecido uma linha. Mas em nada escurece o primor do trabalho do autor e do tipógrafo.

JORGE ALVES OSÓRIO

STANISLAW STABRYLA, *Latin Tragedy in Virgil's Poetry*, Kraków, Polska Akademia Nauk, 1970, 143 pp.

Publicada pela Polska Akademia Nauk e traduzida para língua inglesa por Marianna Abrahamowicz e por Maria Wielopolska, veio a lume, em 1970, uma dissertação da autoria de Stanislaw Stabryla a respeito das influências que a tragédia latina possa ter exercido na poesia de Virgílio. Esta obra foi primeiramente orientada por Wladyslaw Strzelecki e, depois da sua morte, por Mieczyslaw Brozek.